



**Universidade de Brasília**

**Instituto de Ciências Humanas**

**Curso de Licenciatura em Geografia**

**A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO COM RECURSOS  
AUXILIARES NO PROCESSO DE ENSINO E  
APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA**

**Alexânia - GO**

**15 de dezembro de 2012**

**ANA LÚCIA DE CARVALHO SOUSA**

**A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO COM RECURSOS AUXILIARES NO  
PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA**

Monografia apresentada à banca examinadora da Universidade de Brasília – UnB, como exigência parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Geografia, sob a orientação Professor Fernando Luiz Araújo Sobrinho.

Brasília, 15 de dezembro de 2012.

---

Fernando Luiz Araújo Sobrinho

Orientador

Universidade de Brasília- UnB

---

Karla Cristina Batista França

Examinadora

Universidade de Brasília

Menção: \_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho a minha família, que me serviu de base, apoio e incentivo durante esses anos.

Agradeço primeiramente a Deus por me guiar nessa jornada.

Ao meu esposo Jean que com seu companheirismo, força e apoio não mediu esforço para que eu chegasse até esta etapa da minha vida. Aos meus filhos Maria Eduarda e Pedro Inácio, que entenderam minha ausência com eles nas noites e finais de semana para seguir minha jornada.

Aos meus pais biológicos Dalva (in memorian) e Pedro (in memorian) e aos meus pais de coração Walda (in memorian) e José Eustáquio (in memorian), que, mesmo com seus lugares guardados no céu, velaram por mim durante esses quatro anos e por minha vida inteira.

Aos meus irmãos pelo apoio e incentivo sempre. Especialmente aos maravilhosos amigos-irmãos Bernadete e Paulo Afonso que foram grandes incentivadores. Aos meus sobrinhos.

Anny Kelly obrigado pela sua amizade eterna e pelo auxílio nos momentos mais difíceis.

A todos os professores do curso, especialmente ao professor Fernando no desenvolvimento desta monografia e a professora-incentivadora Edilaine á qual tenho muito carinho e gratidão. A todos os colegas que cravaram comigo essa batalha.

Especialmente á Marinalva e Marise. Hoje estamos colhendo, juntos, os frutos do nosso empenho!

| *“Feliz daquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”.*

Cora Coralina

## **RESUMO**

O presente trabalho visa, em primeiro lugar, destacar a importância do uso dos recursos auxiliares no ensino de Geografia no processo de ensino e aprendizagem escolar, percorrendo todo um embasamento teórico e histórico da sua trajetória como disciplina, será abordada a evolução da mesma desde a Antiguidade até os dias atuais. Serão enfatizados os papéis principais da Geografia no processo de construção do homem na sociedade. Na sequência o estudo se prenderá à análise das Representações Sociais como fator essencial para uma análise completa da Geografia enquanto ciência. Assim, será enfatizada a relação entre o uso desses recursos, sejam eles visuais tecnológicos e/ou didáticos, para a abordagem da construção dos saberes geográficos. Por fim, serão apresentados e discutidos os meios de utilização desses no ambiente escolar. Com toda a evolução da Era Tecnológica, surge também uma gama de recursos atraentes ao ensino, fazendo com que, desse modo, tornem-se menos exaustivas e teóricas e o ambiente escolar seja transformado em um lugar de estudos agradável e prazeroso aos alunos. Assim, esses recursos devem ganhar espaço e aliar-se aos métodos de ensino o quanto antes.

**Palavras-chaves:** Geografia; recursos, ensino, aprendizagem, construção de conhecimentos; representações sociais, educação.

## ABSTRACT

This paper aims, firstly, to highlight the importance of using resources assistants in teaching Geography in the process of teaching and learning school, covering an entire theoretical and historical trajectory as a discipline is the unfolding of the same since antiquity to the present day. Will emphasize the roles of geography in the construction of man in society. Following the study hold up to analysis of social representations as a key factor for a complete analysis of geography as a science. So be emphasized the relationship between the use of these resources, be they visual, technological and / or didactic approach to the construction of geographical knowledge. Finally, will be presented and discussed ways to use these in the school environment. With all the developments in the Technological Era, there is also a range of attractive features to education, making thereby become less extensive and theoretical and the school environment is transformed into a place of study pleasant and enjoyable for students. Thus, these features should gain space and allying with the teaching methods as soon as possible.

**Keywords:** Geography; resources, teaching, learning, construction of knowledge; social representations, education.

## **LISTA DE SIGLAS**

ENEM: Exame Nacional do Ensino Médio

LDB: Lei de Diretrizes e Bases

PAS: Programa de Avaliação Seriada

PCNs: Parâmetros Curriculares Nacionais

TIC: Tecnologia de Informação e Comunicação

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>1. REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DA GEOGRAFIA ESCOLAR</b>	11
1.1 A história do pensamento geográfico.....	13
1.2 Geografia enquanto ciência da sociedade e da natureza .....	15
1.3 O ensino da Geografia enquanto disciplina no Brasil .....	19
<b>2- O CONHECIMENTO GEOGRÁFICO E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS</b> .....	22
2.1 Aspectos teóricos e metodológicos da pesquisa sobre as diversas formas de representações sociais.....	24
<b>3. CONSTRUÇÃO DE CONCEITOS ATRAVÉS DE RECURSOS AUDIOVISUAIS (TÉCNICAS DE ENSINO)</b> .....	28
3.1 A exploração da imagem em sala de aula .....	28
3.2 A Cartografia como linguagem de Geografia: .....	30
3.3 O livro didático como recurso escolar: .....	32
3.4 A utilização do computador e da internet como meio didático-pedagógico:.....	34
3.4.1 Sites de busca Google e Wikipédia (enciclopédias on line).....	37
3.4.2 Site do INPE e do IBGE: .....	37
3.4.3 Google Earth .....	37
3.4.4 Power Point .....	37
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	38
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	40



## INTRODUÇÃO

A presente monografia tem como objeto de estudo importância dos recursos auxiliares no processo de ensino e aprendizagem de Geografia. Ela visa discutir as benesses desses recursos enquanto facilitadores e estimuladores para o aprendizado do aluno na perspectiva de acompanhar a sua linguagem. Há tempos que estão sendo desenvolvidos métodos de apoio ao professor quanto às suas práticas pedagógicas voltadas para o raciocínio do pensar geográfico nas suas diversas escalas articulando-as, o que traz a possibilidade de o aluno ter sua maneira própria de olhar e interpretar o mundo em que vive.

Nesse sentido, afirma Filizola (2009 p.88) que *a leitura e interpretação das diversas formas de expressão dos recursos auxiliares nas nossas aulas devem estar a serviço do desenvolvimento do olhar geográfico, da interpretação geográfica do mundo que nos cerca, e não o universo*. Portanto, ao utilizarmos esses recursos, temos a oportunidade de ressignificar os conhecimentos com os quais os alunos chegam às aulas de Geografia de uma maneira lúdica.

Dessa forma, o uso dos recursos auxiliares, tais como TV, música, cinema, computador e internet, laboratório de informática escolar, jornal impresso ou telejornal, literatura, arte, música, cartografia, imagens, vídeos, apresentação de slides, cartografia, fotografia, dentre tantos outros, facilita e estimula o aprendizado, levando o aluno a desenvolver esse novo “olhar geográfico”.

No século XXI, temos uma sociedade conectada, interessada e inserida no mundo de recursos áudios-visuais e tecnologias (inovadoras ou não), o que amplia o potencial humano. Assim, na área de educação, não poderia ser diferente, devendo acompanhar essas mudanças.

Novos recursos surgem diariamente e são nítidos seus efeitos no mundo globalizado, atuando como meio de informação, comunicação, transformação e expressão na vida das pessoas. Dessa forma, caberá a nós, enquanto educadores, usufruirmos desses mecanismos em nossas aulas sempre que oportuno. Conseqüentemente, podemos atuar de uma maneira completa como agente de avaliação aperfeiçoando o desenvolvimento de práticas avaliativas.

Em seu artigo sobre a revolução do meio técnico científico informacional, Santos (1996, p. 187) destaca o processo de interação entre ciência e técnica na produção do mercado globalizado oferecendo subsídios para uma interpretação lógica sobre a formação da natureza. As informações surgem a cada minuto e devem ser acompanhadas também no processo educacional, já que elas têm o poder de facilitar, agilizar, produzir, impulsionar novas descobertas, de ir além e tornar mais criativas diversas áreas da atuação da sociedade contemporânea. Tudo isso gera transformações nas pessoas e em seus modos de produção, fazendo com que busquem atualizar-se e conseqüentemente adaptar-se.

As instituições educacionais não podem nem devem ficar de fora de tantas mudanças como afirma Pinto (2005, p. 02):

A escola, enquanto instituição social é convocada a atender de modo satisfatório as exigências da modernidade. Se estivermos presenciando estas inovações da tecnologia é de fundamental importância que a escola aprenda os conhecimentos referentes a elas para poder repassá-los a sua clientela; pois, é preciso que a escola propicie esses conhecimentos e habilidades necessários ao educando para que ele exerça integralmente a sua cidadania.

Assim, é necessário aliar métodos, técnicas, ciência e tecnologias nos processos didáticos-pedagógicos dos alunos, já que são determinantes para a construção de conhecimentos por meio de fatores de determinações sociais, culturais, físicas, econômicas, populacionais, regionais, políticos, históricos dentre tanto outros do âmbito geográfico, visto que essas categorias têm o poder de construir/aperfeiçoar as relações do homem em relação á natureza.

O uso de livros didáticos, imagens, informática, telecomunicações e outras mídias eletrônicas como recursos auxiliares no ensino de Geografia tem o poder de resgatar a atenção dos alunos frente ao tema proposto como afirma Pinto (2005, p. 03): *as novas tecnologias criam um encantamento no meio educacional; trazendo possibilidades novas, alardeadas pelos teóricos e governo, que oferecem nesse campo são inúmeras, principalmente em relação aos conceitos de espaço e distância.*

As TIC's – Tecnologias de informação e Comunicação – traz soluções quase que instantâneas para a melhoria da qualidade na educação. Mas, de acordo com Brito (2006), citado por Hernandes (2006, p. 89), a escola desempenha papel fundamental na inserção

dessas TIC's no âmbito escolar:

A escola e todos seus procedimentos educacionais também devem estar inseridos num projeto de reflexão e ação, utilizando-as (TIC's) de forma significativa e conjunta, oferecendo uma visão aberta sobre o mundo, oferecendo diversidade de situações pedagógicas que permitem a reelaboração e reconstrução do processo de ensino-aprendizagem.

Portanto, a escola representa em nossa sociedade o espaço de formação de todas as pessoas. Porém caberá ao professor por meio da sua ação em sala de aula e da maneira como ele usa os recursos auxiliares que estão á seu favor garantir o melhor aprendizado dos alunos.

## **1. REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DA GEOGRAFIA ESCOLAR**

A Geografia é uma ciência cujo objeto de análise encontra-se no estudo do espaço geográfico e suas similaridades (lugar, paisagem, território, nação) em um papel de construção, adaptação e transformação das ações humanas de acordo com suas necessidades em um acúmulo desigual de tempos, como afirma Milton Santos (1978).

O objetivo central da Geografia descrito nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) é explicar como a sociedade se apropria da natureza, sendo enfatizado o caráter de mutação e inter-relação com o ser humano. Nessa perspectiva, completa Moreira (1982), citado por Filizola (2009), *a Geografia pode ser tomada como o estudo da organização do espaço geográfico, do entendimento de suas lógicas e sentidos.*

Como disciplina escolar, encontra-se fundamentada em princípios, métodos, técnicas e práticas. Para que haja sucesso ao se desenvolvê-la em sala de aula, torna-se necessário que os educadores possam ter acesso e condições de utilizar toda a diversidade e pluralidade de temas e conteúdos abordados diariamente adequando sua linguagem a linguagem do aluno para que o aprendizado se dê por completo.

A disciplina não pode nem deve ser trabalhada como uma disciplina única e isolada, mas, sim, na interdisciplinaridade. A ela são agregados conhecimentos de diversas áreas tanto de Ciências Naturais - Geologia, Física, Climatologia, Cartografia -, de Ciências Sociais - Economia, Antropologia, Sociologia, História, Filosofia-, temas

transversais - Educação Ambiental, Ética, Educação Sexual, dentre tantos outros passando também por temas culturais.

Os conteúdos a serem trabalhados na Geografia Escolar devem ser selecionados e adequados de maneira sistêmica e organizada, em que se terá uma seqüência lógica de conteúdos. Para tanto, o educador tem todo um preparo de saberes científico enquanto acadêmico para que possa adequar seus conhecimentos de uma maneira particular a uma linguagem acessível aos alunos. A respeito disso, declara Veiga - Neto citado por Stefanello (2003 p.148):

Aquilo que se ensina nas escolas não é nem o saber acadêmico nem mesmo uma simplificação desse saber, mas é uma forma muito particular de conhecimentos a que se domina saber geográfico escolar, ao qual se origina o saber acadêmico que, num complicado processo de transposição didática, foi transformado, adaptado e recontextualizado para depois ser ensinado.

Sobre a função da Geografia Escolar, Pontuschka (2009) destaca alguns apontamentos. Ela diz que enquanto disciplina oferece sua contribuição para que alunos e professores enriqueçam suas representações sociais e seu conhecimento sobre as múltiplas dimensões da realidade social, natural e teórica, entendendo melhor o mundo em seu processo ininterrupto de transformação, o momento atual da chamada mundialização da economia em um mundo globalizado.

A Geografia Escolar age como instrumento para a educação crítica do aluno pelo qual passa a perceber de fato as transformações cotidianas que o cercam, atuando como agente idealizador da sociedade e do mundo desenvolvendo a consciência espacial.

Apesar da importância da Geografia para a construção de uma sociedade crítica, a maioria dos alunos ainda considera-a disciplina chata e de pouca relevância para o futuro profissional, dando mais importância a disciplinas mais cobradas em vestibular ou exames nacionais com maior percentual de notas tais como: matemática ou português. Às vezes não conseguem perceber que a partir do estudo da Geografia na escola terá uma oportunidade de percepção e análise do mundo em infinitos âmbitos: economia, política, característica física de determinado lugar, sociedade, meio ambiente, guerras e conflitos mundiais, globalização, tecnologias e toda uma gama de enfoques passando a entender

seus fatores de causas e conseqüências para a compreensão de problemas do mundo atual. Para Vesentini (1995), citado por Cavalcanti (1998, p. 78) afirma-se que:

Um ensino crítico de geografia não consiste pura e simplesmente em reproduzir num outro nível o conteúdo da[s] geografia[s] crítica[s] acadêmica[s]; pelo contrário, o conhecimento acadêmico [ou científico] deve ser reatualizado, reelaborado em função da realidade do aluno e do seu meio. [...] O ensino de geografia no século XXI, portanto, deve ensinar – ou melhor, deixar o aluno descobrir – o mundo em que vivemos, com especial atenção para a globalização e as escalas local e nacional, deve enfatizar criticamente a questão ambiental e as relações sociedade/natureza, [...] deve realizar constantemente estudos do meio.

Às vezes pelo despreparo como docente, o professor não direciona da maneira correta o tema proposto, dando apenas uma “pincelada” de maneira teórica e dessa forma o aluno terá apenas uma vaga noção dos conteúdos, fazendo com que seu interesse diminua ainda mais.

Analisando a trajetória da disciplina e seu avanço ao longo dos tempos, percebe-se que há interesse em que seus objetivos centrais sejam adequados as novas realidades de uma sociedade moderna e ligada aos avanços cronológicos e tecnológicos visto que novas informações surgem momentaneamente. Isso fará com que a disciplina seja cada vez mais aceita pela sociedade.

### **1.1. A história do pensamento geográfico**

Para que se possam entender as raízes da Geografia, são necessárias analisá-la desde os primórdios, quando os primeiros humanos já a construía sem ter a percepção de que isso acontecia. Estabeleciam relações de trabalho entre si, como a caça ou coleta de alimentos, e aos poucos a natureza era modificada, sendo construído desde já um espaço humanizado. Eram nômades e, ao percorrerem diversas regiões, relatavam essas informações nas pinturas de cavernas por meio de desenhos rupestres. Daí se dão os primeiros registros, apesar de ainda não serem sistemáticos, da Cartografia, onde esses

nômades relatavam as direções a seguir, referenciavam as paisagens, onde os alimentos estavam localizados dentre tantos outros.

Com as primeiras cartas geográficas produzidas na China nos últimos 3 mil anos houve grande acúmulo de conhecimentos ligados à Geografia, mas também ainda não eram sistematizadas.

Durante o período da Antiguidade Clássica, os gregos já conseguiam sistematizar, por exemplo, as diferenças entre os lugares. Os gregos realizavam viagens a fim de estabelecer relações comerciais e, assim, tinham contato direto com povos, lugares, culturas diversificadas e diferenciadas. Eles produziam mapas a fim de facilitar a descrição de lugares e sua chegada ao destino almejado. Dessa forma, a Geografia produzida pelos gregos tinha o intuito de registrar a localização e diferenciação de lugares.

Nesse período surgiu o termo Geografia com o significado de descrever sobre a Terra. Ao realizar esses estudos sobre a Terra, alguns pensadores gregos, como é o caso de Aristóteles (século IV a.C), buscavam compreender a esfericidade da Terra. Heródoto (485-425 a.C) percorreu grandes áreas que se entendiam por terras africanas e euro-asiáticas. Para Filizola (2009, 10), os gregos desenvolviam relatos sobre a forma e dimensão do nosso planeta, aspectos de relevo, clima, a vivência dos povos de determinada região e noções de mapeamento da superfície terrestre, foram muito importantes para o desenvolvimento da Geografia séculos mais tarde.

Historicamente falando, outros povos também deixaram seu legado nos procedimentos da Geografia. Os romanos elaboravam mapas, mesmo que simples. Os chineses passaram a dominar com propriedade os procedimentos de orientação em suas constantes navegações. Durante a formação do Império Muçulmano (800 d.C), estabeleceram domínio em vasto território.

As relações geográficas eram estabelecidas pelos contatos entre povos, culturas, credos, paisagens e povos onde tudo isso contribuía para o aumento do desenvolvimento de estudos de áreas da Geografia e de áreas afins: Astronomia, Astrologia, Matemática, Geometria, Artes, História dentre outras.

O conhecimento geográfico tornou-se amplamente significativo como advento das Grandes Navegações. Dessa forma a Geografia foi institucionalizada no mundo

ocidental pelas expedições científicas pelos continentes: América, África e Ásia sob a supervisão das vanguardas acadêmicas européias que dominavam os trajetos por meio de representações cartográficas previamente coletadas por cientistas em suas viagens pelo mundo.

Até o século XVII as informações ligadas á Geografia estavam unicamente centradas em intensas obras como mapas, peças de arte e livros escritos pelos cientistas. No final desse século, o ramo geográfico foi constituído como ciência, mas ainda não era apoiada nem difundida por dois fatores: sua ligação com a História (servia de fundamentos e suportes para aspectos e fatos históricos); e em segundo lugar pela referência entre a natureza e o homem. Esses dois fatores perseguirão também nos séculos XIX e metade do século XX.

## **1.2. A Geografia enquanto ciência da sociedade e da natureza**

A Geografia enquanto ciência da sociedade e da natureza traz os subsídios para formação de nós, educadores, oferecendo bases para que se possa aplicá-la da maneira mais proveitosa em nossas aulas. Enquanto ciência humana pesquisa as transformações e adaptações do espaço geográfico pela ação humana e as relações em que estabelecem em um acúmulo de tempos desiguais, conforme afirma Milton Santos.

Nas últimas décadas, o ramo da ciência geográfica foi marcado por uma série de debates científicos e filosóficos devido às intensas transformações e aos desdobramentos na vivência da sociedade contemporânea. Termos como sociedade pós-industrial, sociedade pós-capitalista, sociedade pós-moderna, revolução informacional e tecnocientífica, terceira revolução industrial, entre tantos outros, são discutidos constantemente para explicar os fenômenos políticos, culturais e socioeconômicos.

A Geografia universitária surgiu na Alemanha. Na Idade Moderna, a partir do fim do século XVIII vários idealizadores passaram a compor a base da Geografia científica. Alexander Von Humboldt (1759-1859) era viajante e naturalista (1759-1859). Interessava-se pelo estudo dos seres vivos e de sua relação com o meio e as relações com

o espaço. Karl Ritter (1799-1859) era professor da Universidade de Berlim, historiador e filósofo. Publicou uma obra que conceituava o “sistema natural”, onde vários fenômenos naturais eram analisados, trazendo um enfoque ao estudo do homem e sua relação com a natureza (Moraes, 1987, p.49). Ratzel (1844-1904) defendia e lutava por idéias de um império colonial para seu país, a Alemanha, e posteriormente nos Estados Unidos. Definia o objeto de estudo da Geografia como o estudo da influência que as condições naturais exercem sobre a humanidade e que o homem é um produto do meio (Andrade, 1981, p.13). Conseqüentemente nessa etapa da *Geografia Tradicional* acreditava-se que na geografia tradicional o espaço não é considerado um conceito central, mas uma base fundamental para a vida do homem (Andrade, 1981, p.13).

Merecem destaques também destacar as contribuições de Karl Marx analisa o sistema capitalista que estava em crescimento, assim como estabelecer as relações existentes entre o meio natural sobre o homem, além de demonstrar preocupações com a ecologia. Para ele, o homem transformava o meio ambiente em função da rápida acumulação de capitais, sem preocupar-se com os danos ambientais e ecológicos e sociais dessas transformações (Andrade, 1981, p.13 citado por Pontuschka 2009, p.41).

A origem do centro de discussão da Geografia como ciência se deu na Europa. Foi concentrado na Alemanha e essa fase ficou conhecida como a Geografia Tradicional Alemã. A partir do fim do século XIX, o cientista e geógrafo francês Vidal de La Blache (1845-1918) desenvolveu uma linha de pesquisa que estava focada na análise de traços históricos e naturais da paisagem.

A contribuição geográfica lablachiana foi fundamental para a evolução da história do pensamento geográfico. Fez com o pensamento francês também ganhasse destaque e difundiu as fronteiras trazendo a ciência geográfica ao Brasil. De acordo com Moraes (1987), os princípios das escolas tradicionais francesas nortearam as primeiras gerações de pesquisadores brasileiros e o trabalho pedagógico dos docentes.

Na Geografia Escolar essa fase foi refletida nos métodos e conteúdos de ensino, que eram baseados em informações sobre a superfície terrestre, memorização de elementos da paisagem e os recursos naturais produzidos, ou seja, na Geografia Tradicional possui-se um embasamento teórico que refletia caracterização, classificação e



fragmentação do espaço frente aos atos sociais sobre ele. Ainda nos dias de hoje, apesar dos avanços epistemológicos ainda hoje existem infinitos professores de Geografia que insistem a optar por esses métodos tradicionais de ensino e aprendizagem do aluno.

Entretanto a partir da década de 1950 até o início da década de 1970, surgiu uma nova corrente da Geografia: a *Teorético-Quantitativa*, popularmente conhecida como *Geografia Nova*. Essa corrente surgiu após os avanços tecnológicos do período pós-guerra desencadeando o neopositivismo - cadeia que associava a tradição empirista á matemática formal. Acontecia também o desenvolvimento do capitalismo advindo da 2ª Revolução Industrial.

A Geografia obedecia a critérios que privilegiavam os governos autoritários e as grandes empresas voltadas para o crescimento econômico, sendo desconsiderados fatores de preservação ou respeito à sociedade, à natureza ou ao meio ambiente. Sobre isso, declara Corrêa:

Trata-se de uma visão delimitada de espaço, pois, de um lado privilegia-se em excesso distância, vista como variável independente. Nesta concepção, de outro lado, as contradições, os agentes sociais, o tempo e as transformações são inexistentes ou relegadas a um plano secundário. Privilegia-se um presente eterno e, subjacente, encontra-se a noção paradigmática de equilíbrio (espacial), cara ao pensamento burguês.

Dessa forma ao estudar os pensamentos da Geografia nova analisamo-lo a partir de números e estatísticas, ou seja, quantificamos a sua complexidade. Mesmo diante a esses fatos, essa linha de pensamento também contribuiu para um bom desenvolvimento da Geografia, visto que, a partir daí, pode-se extrair uma série de informações quantitativas a respeito de localizações, fluxos, hierarquias e funções. Milton Santos declara que o maior pecado dessa ciência é não considerar a existência do tempo, sendo trabalhados apenas seus estágios sucessivos.

Para o ensino de Geografia, essa corrente usou e abusou de dados estatísticos quantitativos além de condenar o uso das aulas de campo, já que não era considerada importante para o processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

A terceira corrente muito importante para a difusão e ensino de Geografia está na *Geografia Crítica*, que surgiu na década de 1970, em um momento difícil e turbulento no cenário econômico, político e social. Nesse período, percebe-se a repressão, um aumento da desigualdade social e um movimento social que buscava lutar pela reforma dos direitos da sociedade.

Os geógrafos-cientistas passaram a seguir categorias baseadas em argumentos, contradições, opiniões, senso crítico (dialética) participando de compromissos políticos e sociais, para a percepção das relações entre o homem e a natureza e para a compreensão da realidade. Ao discorrer sobre esse grupo de geografia crítica, Stefanello (2009, número de página?) destaca as subdivisões a corrente formada por geógrafos não marxistas, mas comprometidos com reformas sociais, geógrafos com formação anarquistas que se ligam á críticas á sociedade, e por geógrafos de formação marxista onde a sociedade capitalista está baseada em conceitos como alienação, ideologia e práxis.

Também no ramo da Geografia crítica, destaca-se como grande influenciador Milton Santos, que sempre está interessado em discutir em suas obras o espaço através da análise de categorias: forma (o que se vê), função (uma tarefa do que se vê), estrutura (natureza social e econômica de uma sociedade) e processo (ação contínua que envolve tempo). Para ele, a análise dessas quatro categorias permite uma visão real e completa sobre os fenômenos do espaço geográfico.

Por meio da geografia crítica temos a oportunidade de caracterizar através da reflexão sobre a organização do espaço geográfico sendo produzido a partir de suas estruturas espaciais.

### **1.3. O ensino da Geografia como disciplina no Brasil**

O governo mantinha todo o controle sobre as formas do sistema educacional no Brasil. Interferia na fabricação de livros e até mesmo manipulando-os, sendo que só eram publicados aqueles que fossem de interesse ao poder. Era praticada nas escolas apenas a Geografia Tradicional, que buscava compreender o espaço geográfico por meio de

relações do homem com a natureza. Portanto passaram a ser discutidas no mundo inteiro e conseqüentemente também no Brasil.

Em 1946 foi fundada a primeira faculdade de Geografia no Brasil na Universidade de São Paulo, o que teve grande influência na formação de novos geógrafos. Simultaneamente foi fundada a Associação de Geógrafos do Brasil (AGB), que atua até hoje como importante mediadora de conhecimento geográfico e científico para os que produziram ou produzem conhecimento na docência de geografia. Antes da difusão da Faculdade de Geografia da USP (1930), o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE e da Associação de Geógrafos do Brasil, não havia profissionais formados direcionados para repassar a disciplina. Dessa forma era ensinada por profissionais de outras profissões: médicos, advogadas engenheiros, dentre outros que também lecionavam em faculdades de sua respectiva área.

Os livros didáticos utilizados pelo ginásio eram escritos por profissionais que não eram da área, lembrando que sempre sendo baseados em fatores físicos da geografia. Delgado de Carvalho, geógrafo, teve grande influência ao criticar a nomenclatura e buscava direcionar a escrita desses livros a uma linguagem geográfico-correta, seguido do historiador Alfredo Ellis Júnior.

A doutrinação do ensino brasileiro de Geografia pode ser analisada a partir de conflitos da Primeira, Segunda Guerra Mundial e Depressão Econômica de 1930. Nesse sentido, a Geografia veio para surtir o efeito de garantir a unidade nacional e trazer ideais nacionalistas nas novas e/ou futuras gerações.

Havia constante interesse em nacionalizar o ensino brasileiro, o que só ocorreu durante a ditadura do Estado Novo (1937-1945). Backheuser (1879-1951) defendia essa nacionalização do ensino primário e da formação de professores e assim, complementaria a medidas que levaram à centralização do poder e à extinção das bandeiras ou dos símbolos estaduais. Também diversos pensadores autoritários do Estado Novo manifestavam interesse em difundir a prática de cinema rádio e educação afim de que assim fosse defendida a homogeneização da forma de pensar o que foi em vão devido ao rigor das leis impostas pelo poder. Esse sistema de ensino que combatia o regionalismo era visto como meio para favorecer a aceitação da sociedade sobre a ditadura e impedir a entrada de estrangeiros no Brasil.

Nova safra de geógrafos ia se formando, o que fez aumentar o crescimento da produção científica baseadas em trabalhos de campo aliados à literatura fornecida pela Geografia francesa ou alemã. Ao terminar sua formação, o aluno era licenciado tanto para Geografia quanto para História, o que foi desmembrado em 1957, quando o aluno passou a ter que prestar vestibular para Geografia ou para História isoladamente, além de poder optar entre bacharel ou licenciatura.

Também na década de 1950, após o término da Segunda Guerra Mundial, o Brasil foi reintegrado ao cenário econômico mundial, mesmo que sobre monopólio dos Estados Unidos. Paulatinamente, a sociedade brasileira passava a participar de debates sobre os problemas nacionais e seus rumos, o desenvolvimento econômico, industrialização e a emancipação econômica (Ianni, 1977, p.110).

Percebeu-se que era necessário prioritariamente realizar o planejamento econômico, mas a população nos grandes centros urbanos crescia desregradamente devido à industrialização, o que era um atrativo certo para a migração da população das zonas rurais para as metrópoles. A partir daí, os lugares passaram a deixar de explicar sobre si mesmo com produto de uma longa relação histórica entre a vida do homem em sociedade e o meio natural foi transformado em meio geográfico por esse mesmo homem.

Com os avanços do capitalismo, o espaço geográfico já mundializado tornou-se complexo e a Geografia Tradicional não era mais capaz de entender essa complexidade, fazendo com que novas técnicas e tecnologias surgissem para suprir esses questionamentos.

A partir da década de 1970, estabeleceram-se também técnicas que estimulavam a reflexão teórica metodológica. Os filósofos e geógrafos questionavam as idéias principais centrais do positivismo clássico e o historicismo. O IBGE realizou inúmeras pesquisas geográficas quantitativas que estão disponíveis como fontes de apoio e pesquisa até os dias de hoje.

Pela censura, os conteúdos dos livros didáticos estavam restrito á apenas informações do meio físico. A manutenção do curso de Geografia em instituições particulares era inviável, em que uma vez que os estudantes se deparavam com recursos didáticos desatualizados, o que dificultavam as pesquisas mais apuradas, ficando o ensino sendo baseado em debates sobre a ciência geográfica e a didática de ensino.

Já nas décadas de 80 e 90 desenvolveu-se o sensoriamento remoto por meio de programas de computador, cibernética, sistemas informacionais, o que, aliados á técnicas de matemática auxiliava na análise mais apurado do espaço geográfico através de dados teóricos- quantitativos.

Essa Geografia, denominada teórica, não desempenhava papel no ramo da educação (nas escolas). Surgiram tendências críticas baseadas no materialismo histórico como elemento unificador e método de investigação da realidade, o que, segundo Pontuschka (2009, p. 30) buscava *superar os diferentes dualismos sempre constatados na Geografia desde que constituída enquanto ciência*. A partir dessa década, a Geografia crítica escolar foi difundida e fortalecida no ensino médio e fundamental.

Em pleno século XXI, podemos nos deparar com uma gama de caminhos para a discussão e produção do conhecimento geográfico e da Geografia enquanto disciplina. Lefebvre analisa o espaço urbano criticando as diferentes correntes filosóficas e das análises sociológicas e metodológicas para explicar a vida urbana e rural no contexto do capitalismo. Harvey também realizou estudos temáticos preocupados com o urbano, suas causa e conseqüência. O sociólogo Martins dedicou-se a estudar a temática referente à Geografia agrária e à Geografia urbana.

Vesentini (2005) afirma que trouxe inovações ao publicar livros didáticos com a exposição de visões opostas sobre determinados temas procurando defender a idéia da busca por geocríticos para *“atuar no mundo, engajar-se nas lutas sociais, produzir enfim uma sociedade mais justa”*. Na apresentação de um de seus livros, declara:

[...] O essencial hoje é aprender a aprender, aprender a pensar por conta própria e, principalmente, buscar sempre coisas novas. Este foi o nosso escopo nesta obra: formar mentes críticas – e desenvolver o espírito crítico, para nós, não se identifica com nenhuma forma de doutrinação – que estejam aptas a filtrar ou selecionar as informações que pensem por conta própria, que saibam analisar os acontecimentos de forma metódica e lógica, sem preconceitos ou pensamentos estereotipados.”

*Trecho extraído da revista GEOGRAFIA, Conhecimento prático. Edição 34. Novembro 2010. Página 13.*

Nesse sentido, a Geografia em sua trajetória passou e continua a passar por mudanças constantes visto que no mundo em que vivemos surgem novas categorias de análise a cada dia e cabe a nós, enquanto geógrafos, a função de buscar novos meios, técnicas e conteúdos para melhor enquadrá-los em nossas aulas para que as mesmas se tornem mais produtivas e menos vistas como uma “disciplina chata” e sem relevância aos nossos alunos.

## **2. O CONHECIMENTO GEOGRÁFICO E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS**

O estudo das representações sociais foi inicialmente desenvolvido em Psicologia Social e seu embasamento teórico vem ganhando espaço nas linhas de pesquisa e investigação nas ciências humanas e sociais. Moscovici foi um dos grandes promissores dessa linha de pesquisa que conceitua as Representações Sociais como uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos em sua existência e conseqüentemente o primeiro passo para as práticas sociais, destacando também que *o papel do indivíduo deveria estar interligado a sua relação com o meio social em que vive* (1978, p. 26).

De acordo com Bordieu (2000), citado por Serpa (2002, número de página?) *o objeto das representações sociais no ensino de Geografia deveria ser a luta pela preservação de identidade*. Assim, preservam-se os meios para que o aluno possa acreditar conhecer e reconhecer as modificações do mundo cotidianamente, além de ter a capacidade de se fazer ou desfazer as relações no espaço em que vivem.

Dessa forma, passarão a ser geradas as identidades individuais das representações sociais. Moreira (2009, p.01) destaca que nos objetivos centrais da Geografia devem estar presentes ferramentas para a reflexão do aluno sobre o mundo em que vive, trazendo suportes para que sejam inseridos na mesma.

Assim, oferece subsídios para que os discentes tornem-se capazes de analisar com outros olhares as representações sociais partindo da análise de seu próprio espaço onde passa a ter a capacidade de relacionar o concebido (conhecimentos prévios) e o

vivido por meio de conceitos e também por imagens. Sobre isso Kaercher (1999, número de página) faz o seguinte apontamento:

[...] a Geografia é feita no dia a dia, seja através da construção de uma casa, da plantação de uma lavoura ou através das decisões governamentais ou dos grandes grupos econômicos empresas transnacionais, ou, ainda, em nossas andanças ações individuais pela cidade (pegar um ônibus, fazer compras, etc.).

Dentre as características dessas representações temos a análise das concepções e conseqüentemente às ideologias que dominam a sociedade que devem ser levadas em conta não apenas a reprodução da sociedade, mas também a individualidade e construção do sujeito de maneira diferenciada em contato com as representações prévias aliadas ao sistema de produção dos padrões de conhecimento e de conduta pessoal e social. Sobre as representações sociais Lefebvre (ano, número de página) declara:

O entendimento sobre as representações pode ser visto como uma interligação entre as representações chamadas “sociais” e aquelas advindas da experiência pessoal de cada um e como são reagidas.

No momento em que como escreve Moscovici (1978), as representações sociais se encontram na encruzilhada entre o indivíduo e a sociedade. Jodelet (1985) desenvolve a ideia de que a sociedade fala, mas o indivíduo emite o discurso, permite-se pensar o subjetivo/individual e voltar ao campo do geral e do objetivo, em um movimento dialético.

Peluso (2003) destaca como função das representações sociais o ato de proporcionar um método de trabalho e de pesquisa, que pode ser implementado em temas diversificados de ambas as áreas. O ato de se analisar essas representações permite trabalhar a historicidade do espaço, suas formas e seus conteúdos, e a objetivação, classificar, recortar e compreender a descontextualização dos discursos e ideologias do mundo.

Destaca-se também que essas representações são suportadas pelo cotidiano e vivência dos cidadãos. Pela sua análise, é trazida a oportunidade de oferecer subsídios aos

alunos para que se tornem conscientes do processo de conhecimento de seu ambiente vivido já que a geografia aborda esses conceitos.

Rangel (1993b, p.15) deixa claro isso quando declara que as representações sociais trazem uma larga relação entre os conceitos adquiridos pelas informações e as imagens (o que os alunos são capazes de visualizar pelas imagens) no processo de conhecimento científico no ambiente escolar:

As considerações aos conceitos e imagens formados pelos alunos na prática, em sua experiência diária, fornece subsídios e encaminhamentos de noções novas (porque em princípios ausentes do seu universo interior) contribuindo ao objetivo de torná-las acessíveis e tratá-las de maneiras significativas a esses alunos.

## **2.1. Aspectos teóricos e metodológicos das representações sociais**

As representações sociais ao serem voltadas ao ensino de Geografia fornecem subsídios para que o aluno compreenda a realidade entendendo que esta é uma construção social sobre a natureza que não pode ser disfarçada. Frente a isso cabe ao professor repensar seus procedimentos didáticos-metadológicos e buscar novos meios de direcionar o aprendizado do aluno para que este seja contextualizado com o ambiente escolar sendo levadas em conta as relações específicas entre a cidade e o campo.

Seguindo essa mesma perspectiva, André (1998, p. 162) nos traz que temos que *as* representações sociais são bastante reveladoras em seu papel didático oferecendo auxílio ao professor na diagnose do conhecimento geográfico e do desenvolvimento do conhecimento escolar. Ao trazer novas formas de se expor, o aluno será capaz de praticar de forma empírica o seu espaço vivido e onde estabelecem suas representações sociais. A partir daí surge à necessidade de manipular essas representações realizando questionamentos. Assim será aguçada a curiosidade dos estudantes rumo ao pleno domínio do espaço.

Além disso, pode-se dizer que é um desafio também trabalhar as representação sociais onde a sociedade contemporânea está sendo transformada a passos gigantes



pela era informacional-tecnológica, além das mudanças impostas por órgãos governamentais no cenário social, econômico, mundial, político ou cultural. Tudo isso passa a exigir dos cidadãos a capacidade de interpretação do mundo.

A Geografia escolar vem passando por uma série de mudanças em suas estruturas em que busca aliar os métodos científicos, o referencial teórico e práticas didático-pedagógicas diversificadas para que seu ensino seja claro e seu objetivo seja alcançado, sendo dada importância ao seu caráter intermediador na conscientização dos seres humanos, ou seja, seu papel é ideológico e deve ser desenvolvido em favor da cidadania.

A educação em geral vem passando por uma série de mudanças em sua estrutura como a implantação da LDB (Lei de Diretrizes e Bases), que visa discutir sobre os aspectos do sistema educacional, princípios gerais da educação escolar e as diretrizes dos profissionais do setor), os PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais), além da busca por novos métodos de avaliação (ENEM, PAS, SARESGO, PROVÃO, PROVINHA BRASIL), visando à melhoria do sistema educacional nacional. Entretanto trouxe, na verdade, em sua bagagem uma série de dificuldades tais como: superlotação das salas, aumento da carga horária do professor e diminuição das aulas programáticas semanais para a disciplina.

Na área educacional, busca-se sempre desenvolver no público alvo - alunos- o senso crítico em relação às transformações do mundo dia após dia, valorizando sua capacidade de análise do espaço geográfico como uma extensão cultural, física, territorial e humana para que os mesmos não se deixem enganar pela mídia ou informações errôneas repassadas.

Mas nem sempre é conseguido o efeito almejado. Às vezes são encontradas barreiras que limitam a construção de saberes geográficos sejam eles por: dificuldades impostas pelo sistema, pela falta de interesse e apoio da equipe gestora, tempo limitado, falta de recursos e de material de apoio pedagógico, salas com quantidade numerosa de alunos e até mesmo preconceito. Nesse sentido, em determinadas ocasiões a Geografia se vê limitada e não consegue atingir seus objetivos, deixando de contribuir para a construção da cidadania. Tudo isso leva a dificultar o desenvolvimento e o esclarecimento das representações sociais no ensino de Geografia.

Teoricamente os professores devem buscar desenvolver métodos geográficos voltados à inserção do aluno no meio em que vive. Fala-se muito na importância de se desenvolver uma Geografia baseada no “*acúmulo de tempos desiguais*” como propôs Santos (1996) e Harvey (1992, 1996), em que “as representações do espaço e do tempo surgem do mundo das práticas sociais”, visando o desenvolvimento de uma Geografia crítica. Mas, na prática, o estilo tradicional de se ensinar Geografia de maneira mecanizada ainda persiste na grande maioria das escolas em que os professores ainda baseiam-se em métodos quantitativos e não qualitativos. Isso fica perceptível também ao analisarmos os relatos de Silva (1998 p. 8-9):

O conhecimento deixa de ser um campo sujeito à interpretação e à controvérsia para ser simplesmente um campo de transmissão de habilidades e técnicas que sejam relevantes para o funcionamento do capital. O conhecimento deixa de ser uma questão cultural, ética e política para se transformar numa questão simplesmente técnica. (Silva, 1998, p.8-9).

Diante de tudo isso, deve-se ainda lutar em romper essas dificuldades encontradas pelo desenvolvimento do ensino de Geografia de qualidade. Direcionar as idéias pré-fixadas pelos alunos que consideram a mesma como disciplina sem função ou inútil para seu futuro profissional, conscientizando-os sobre o despertar da cidade e buscar inseri-lo nas transformações cotidianas do mundo em que vivem visando encontrar seu papel na construção da sociedade contemporânea. Pontuschka (2000, p. 149) destaca a importância de se buscar ensinar a Nova Geografia *no sentido de desmontar a superação das representações sociais do mundo onde o aluno aproveita seu próprio conhecimento, propondo estudos e buscando intervenções no sentido de valorizar o ensino de Geografia no ambiente escolar.*

O aluno vive o espaço geográfico de formas distintas, mas na maioria das vezes não consegue perceber suas contradições. Isso se dá pelo fato de que não lhes foi despertado o censo crítico das representações sociais do mundo vivido por ele. Quando o professor desperta o sentimento de noção dos acontecimentos dos fatos, o discente passa a possuir voz e idéias próprias sobre o mundo globalizado.

Podemos assim dizer que o processo de aprendizagem envolve compreensão e adequação à linguagem do aluno frente às buscas por significados de representações da sociedade, o que contribui para o respeito do mundo em múltiplas abordagens.

Sobre as representações sociais em Geografia, Bordieu (op. cit.: 113) estabelece os ideais de que *devem se buscar as lutas pelo resgate e preservação de identidade propondo princípios de acreditar, buscar, transformar o mundo vivido*, em que cada ser humano possui maneira própria de desenvolver essas habilidades e seus sistemas de (re) significações do espaço. Fica nítida também a influência de recursos e linguagens facilitadores do processo de ensino e aprendizagem de Geografia. E certamente o uso desses recursos nas representações sociais é considerado de suma importância para explicitar em recortes distintos a abordagem do mundo por completo

Essas representações sociais são formadas a partir das práticas de vivência dos indivíduos, sendo que essas práticas são um objeto da representação englobando todos os conceitos primordiais de Geografia: Lugar, Paisagem, Região, Natureza, Sociedade e Geografia, onde devem ser direcionados pontos chaves para que o aprendizado seja promissor. Para isso, Bonfim (2000) estabelece três dimensões didáticas, chaves para que possam e devam ser utilizadas ao longo do processo de ensino e aprendizagem:

- 1) Elas são um tipo de conhecimentos geográfico do “senso comum” veiculado e legitimado pela sociedade, portanto elas são a base para inscrever ou modificar novos conhecimento.
- 2) Elas são eficientes como processos e produto de conhecimento.
- 3) Elas são um sistema de explicação de mundo, um esquema coerente e pertinente do real que jamais se destrói sempre se transforma.

### **3. CONSTRUÇÃO DE CONCEITOS ATRAVÉS DE RECURSOS AUDIOVISUAIS:**

#### **3.1 A exploração da imagem em sala de aula:**

A imagem também é um recurso bem valioso para o ensino de Geografia desde que esteja associada ao texto escrito. Diz o ditado que uma imagem fala mais que mil palavras. O seu uso está na maioria das vezes associada ao livro didático.

Além disso, passaram a ser mais utilizadas e facilitadas com o auxílio de retroprojetor ou de projetor de multimídia. Assim, o professor seleciona previamente as imagens e grava em uma mídia digital (CD, DVD, pen-drive) e em seguida a reproduz em uma superfície (quadro-negro, parede).

Ao selecionarmos imagens deve-se ter atenção á sua conservação e cuidados para que as mesmas não percam sua qualidade. Pela seleção de imagens o professor assegura a preparação e a condução de uma previamente preparada onde os alunos serão atraídos pelo que está por vir. Assim, o professor terá mais autonomia sobre o que deseja representar através daquela imagem.

Pode-se abordar também o uso de fotografias tiradas em máquinas fotográficas digitais. Isso diminui bastante a busca pela seleção de imagens já que a mesma pode ser tirada e mostrada em poucos instantes. Os alunos também terão certa facilidade em produzir essas imagens para alguma atividade ou trabalho em grupo de acordo com suas expectativas ou ponto de vista já que esses aparelhos são de fácil acesso a todos.

As imagens tanto estáticas (jornais, revistas, outdoors) ou em movimento (propagandas e filmes) penetram na vida das pessoas, sendo capazes de influenciá-las e afetar até mesmo os costumes da população como afirma Filizola (2009, p. 28) “as imagens devem ser exploradas em favor de orientar ou capacitar aos alunos para um olhar mais crítico do mundo em que vive”.

Portanto, as imagens com ou sem movimento, providas ou não de textos/sons necessitam ser lidas e interpretadas através de uma alfabetização imagética prévia, já que são essenciais para a interpretação da sociedade sobre o mundo ao qual está inserido.

Pelas imagens das fotografias a análise geográfica é facilitada. O aluno ao se deparar com o estudo de algum lugar distante, por exemplo, ou com uma realidade distinta da vivenciada por ele, será aproximado da mesma através das informações refletidas na fotografia. Assim, as mesmas tornam-se passivas independente da época ou da finalidade dessa informação retratada. Essas imagens estão á nossa disposição para didatizar uma explicação favorecendo a compreensão do aluno.

Outro recurso importante que deve ser ressaltado pela utilização da imagem é o cinema em sala de aula, já que o mesmo é uma linguagem além de ser também, uma arte. Os filmes carregam consigo uma linguagem imagens em movimento com paisagens compostas por outros elementos. Pelo uso do cinema em Geografia o estudo do espaço geográfico é favorecido por referenciar uma cidade ou país, reais ou de ficção, em determinado tempo e lugar, estando próximas ou não da realidade vivida pelo aluno. Filizola também destaca a fundamental importância do uso das imagens visuais para o ensino declarando “cabe ao professor levar os alunos a ler criticamente essas imagens, o que enriquece a sua formação e são levados a produzir outra dinâmica nas aulas de Geografia” já que essas mesmas imagens são carregadas de culturas e saberes positivos ou negativos de paisagens diversificadas.

Ao selecionarmos as imagens para serem apresentadas aos alunos devemos adequá-las à linguagem e à faixa etária do aluno para que sejam percebidas. Durante o uso das imagens no ensino de Geografia acionamos e desenvolvemos conceitos através das paisagens.

Outra poderosa linguagem que pode e deve ser incorporada nas aulas é a jornalística já que esses trazem uma infinidade de informações atualizadas para serem repassadas aos alunos. Se não for possível utilizar o jornal impresso nas aulas, outra opção seria acessá-lo virtualmente (jornal eletrônico) no laboratório de informática, através de seleção prévia do professor. Pela sua leitura tanto os professores quanto os alunos atualizam suas visões do mundo e culturais, além de ampliar seu repertório analítico e em diferentes escalas.

### **3.2. A cartografia como linguagem de Geografia**

A Cartografia (do grego *chartis* = mapa e *graphein* = escrita) é a ciência que estuda as concepções e produções de mapas, correlacionando escala, projeções, símbolos/signos e outros métodos para representar o espaço. Portanto, a importância do mapa está na “identificação da organização do espaço, avaliação das alterações na forma de sua ocupação e como instrumento de expressão dos resultados compilados” (PASSINI, 1994 p. 10).

A Cartografia é abordada no processo de ensino-aprendizagem através da Geografia, por esta ligação diretamente com o objeto de estudo geográfico, o Espaço. Os mapas abordam questões relacionadas à “*construção do raciocínio espacial*” (SAMPAIO, 2005 p.17), tema importante para o cotidiano da criança, do adolescente e do adulto, ou seja, a aprendizagem cartográfica perpassa por todas as fases do homem.

Ler e interpretar os mapas são uma tarefa difícil. O mapa é uma representação plana da superfície do nosso planeta, em tamanho reduzido, mantendo as proporções iniciais. Para obter sucesso em sua utilização é necessário que tanto o professor quanto o aluno estabeleçam domínio do mesmo como afirma Almeida (2010, p. 22) podemos descrever os mapas escolares como aqueles que os professores e alunos têm possibilidade de manipular, sejam eles mapas murais, mapas mentais, atlas escolares, o globo terrestre e todos os materiais cartográficos.

É uma forma de comunicação gráfica. Desde os primórdios o mapa foi um instrumento usado pelos homens para se localizarem, orientarem, comunicarem. Ele é utilizado tanto pelos cientistas como também pelos leigos, em atividades profissionais, culturais ou turísticas. Qualquer pessoa recorre ao mapa até hoje como meio de comunicação. Sua linguagem é mais antiga que a própria linguagem escrita.

De acordo com Rosette (s/d) mapa é um elemento visual, que ajuda o aluno no entendimento de alguns conteúdos, sobretudo os que necessitam de concepções “palpáveis” para sua compreensão.

Entre os recursos cabíveis a o ensino de Geografia, o mapa desempenha grande importância, já que atendem a uma variedade de propósitos e são usados em quase todas as disciplinas escolares. Mas apenas o professor de Geografia que sabe inserir ao aluno na arte de manipular e interpretar o mapa.

Dentre os recursos cabíveis ao ensino de Geografia, os mapas desempenham grande importância, já que atendem a uma variedade de propósitos e são usados em quase todas as disciplinas escolares. Mas apenas o professor de Geografia tem conhecimento técnico para inserir o aluno na arte de manipulá-los e interpretá-los.

O mapa é definido em educação como um recurso visual essencial para o desenrolar das aulas de Geografia. Para que esse mesmo instrumento seja como uma forma de se representar o espaço, o aluno deverá desenvolver seu espírito investigativo através de sua construção.

Thralls (1965) citado por Almeida (2010, p. 23) destaca como funções específicas do mapa:

- Visualizar a paisagem representada pelos símbolos do mapa;
- Compreender os diferentes tipos de informações retratadas;
- Estabelecer as relações de fatos revelados dos mapas;
- Traduzir para a linguagem dos mapas informações obtidas em pesquisas.

A função e o valor do mapa dependerão do objetivo que o professor quer retratar com o mesmo preocupando-se para que não haja a distorção da realidade.

Já para Almeida (2010, p. 23) o uso dos mapas no ensino de Geografia tem os objetivos de:

Localizar lugares e aspectos naturais, culturais, políticos e econômicos na superfície terrestre; mostra e comparar as localizações; mostrar tamanhos e formas da Terra; encontrar as distâncias e direções entre lugares; visualizar padrões e áreas de distribuição; análise de dados representados; mostrar os fluxos e interferências de pessoas, mercadorias e informações; apresentar a distribuição dos eventos naturais e humanos da Terra.

Desse modo o uso do mapa em sala de aula não deve ser limitado a poucos usos, pelo contrário, devido á sua repercussão positiva deve ser utilizado sempre que oportuno. O globo terrestre é outro importante recurso cartográfico, já que retrata da melhor maneira possível a representação da Terra, seus movimentos e sua alternância entre dia e noite além das mudanças de estações.

### **3.3. O livro didático como recurso escolar**

Devemos reconhecer que o livro didático é até hoje o recurso mais utilizado pelo professor no ambiente escolar. Até as décadas de 1960 e 1970 os livros eram conteudistas e seguiam critérios da Geografia Humana (Quantitativa) em que o aluno era levado a aprender por memorização. A Geografia evoluiu e conseqüentemente suas linhas de abordagem também.

Na atualidade são incorporados aos livros tanto os aspectos físicos, quanto humanos, culturais, políticos, econômicos, religiosos, ambientais e temas transversais, dentre tantos outros. O modo de vida da sociedade é analisado como um todo ao passo em que o espaço vai sendo transformado por ela.

Cabe aos professores buscar uma atualização no seu processo didático metodológico de se ensinar, em que mesmo estando com livros didáticos atuais ainda insistem em utilizar métodos antigos como é o caso de solicitar ao aluno a cópia de páginas inteiras para que o aluno aprenda ou memorize através daquilo que escreve. Stefanello (2009, p. 83) destaca como sendo de grande serventia o livro no processo de aprendizagem a função sociológica e pedagógica do livro didático auxilia no processo de construção de conhecimento através do trabalho com papel impresso previamente escolhido pelo professor, além de se ter cuidado para que o mesmo não seja utilizado como um simples meio de obtenção de perguntas e respostas ou simplesmente a passagem rápida por transformações naturais, econômicas, sociais e políticas.

É necessário que o professor utilize instrumentos capazes de tornar a mensagem educativa (conteúdo a ser explanado) assimilável à linguagem do aluno. Isso pode acontecer através do conhecimento que o professor tem de seu aluno. A respeito disso, temos os ideais de Saviani, citado por Stefanello (2009, p. 84), para quem o livro didático tem o caráter estático se considerado apenas como meio de se transmitir conhecimentos. Cabe ao professor organizar a mensagem a ser repassada para que seja captada pelo aluno.

Dessa forma o livro didático deve ser utilizado lado a lado no desenvolvimento das aulas, sendo capaz de transformar a linguagem científica na linguagem do aluno de acordo com seu nível de ensino e faixa etária. Cabe ao professor previamente, triar os conteúdos a serem abordados com o auxílio do livro didático no processo de construção de conhecimentos na abordagem de Geografia.

Assim, é notória a necessidade de o professor discutir com o aluno a informação constatada no livro de modo que eles recebam essas informações e as estabeleçam com a realidade em que vivem, ou seja, algo que tenham significado por eles. Conseqüentemente os alunos construirão seus conceitos de acordo com as orientações do seu professor.



Para que o haja o bom uso desse recurso didático, há a necessidade de que o mesmo esteja selecionado da melhor maneira possível pelo professor de acordo com o que ele almejar ensinar aos alunos no decorrer do ano, ou seja, por uma sequência didática lógica de acordo com seu plano de ensino ou de acordo com o plano de ensino estadual. Assim, o mesmo deve passar por uma seleção criteriosa antes da sua escolha.

Schaffer, citado por Steffanello (2009, p. 88), aponta alguns critérios auxiliares na escolha do livro didático:

- A qualidade do processo de ensino e aprendizagem depende muito mais do desempenho do professor que da qualidade do livro didático;
- O livro didático mantém-se como recurso instrucional de mais largo uso em sala de aula, quando não único recurso;
- Exigência de divulgação do material para a análise do professor ou da equipe gestora;
- É importante que o professor consiga efetivar uma boa relação entre o aluno e livro didático.

Mas na prática nem sempre isso é possível, visto que, na rede pública de ensino, a grande maioria dos livros didáticos não é selecionada por profissionais da área, e sim pela equipe gestora escolar, que geralmente atua em outras disciplinas ou áreas de ensino. Além disso, os livros são escolhidos para serem utilizados por um período de quatro anos, daí os alunos que tiverem em contato com os mesmos em seu último ano de utilização, contará em suas mãos com um material didático com informações desatualizadas.

O certo é que o livro didático deve ser utilizado como um complemento às atividades didático-pedagógicas, pautadas na construção de conhecimento do aluno rumo à melhoria do seu comportamento frente à realidade retratada por ele dentro da realidade brasileira. É certo também que o professor deve sempre buscar informações complementares às que propõe o livro didático.

### **3.4. O uso do computador e da internet como meio didático-pedagógico**

O mundo está em constante transformação. Diante do avanço tecnológico e da enorme gama de informações disponibilizadas pela mídia e pelas redes de computadores, é fundamental que esses recursos adentrem o quanto antes também na educação.

De acordo com Paganeli (2009, p. 262) a escola tem o poder de apropriar-se de várias linguagens em seu processo de decodificação de dados, análise e interpretação das informações. Dessa forma, oferece ao aluno a capacidade de assimilação das mudanças tecnológicas que implicam positivamente nas formas de aprender. O professor atua como mediador entre o aluno e as informações que serão repassadas.

Em pleno século XXI, é extremamente necessário saber utilizar o computador como meio de obtenção de dados e atualização. De acordo com Perrenoud (2000), a informática é um meio interessante para o processo de ensino-aprendizagem.

Na era tecnológica e da facilidade de inserção da informática nas escolas, os benefícios de se usar a internet no processo de ensino são indiscutíveis, uma vez que a aula deixará de ser um coreba passando-se a ser realizada de maneira prazerosa aos alunos, já que dominam e se interessam por esse ambiente. Pelo uso da internet, o aluno será capacitado a ler, ouvir, visualizar e pensar naquilo em que se está analisando.

A mesma é conhecida como maior biblioteca do mundo, em que em questão de segundos o aluno sanará seus questionamentos, sejam eles quais for. Considera-se que seja a ferramenta multimídia mais usada por alunos e professores dentro e fora do ambiente escolar.

Para que o uso da internet no ensino de Geografia se dê de maneira promissora o professor deve ter cuidado em planejar sua utilização antes de solicitar as atividades aos alunos. Dessa forma, deverá primeiramente selecionar cuidadosamente o tema proposto, conseqüente fará um planejamento detalhado dos passos a serem seguidos no decorrer do tempo previsto para que conseqüentemente leve seus alunos ao acesso desse meio como recurso didático, o que geralmente se dará no laboratório de informática da instituição.

Obedecendo a esses critérios, o professor será o orientador da atividade assim como também um mediador das aprendizagens sucessoras.

Apesar desse recurso está sendo cada vez mais utilizado no ambiente escolar, não irá substituir jamais o papel do professor no conhecimento do aluno como declara Nascimento Carvalho (2004, p, 144): *equipamento não pode (nem vai) se constituir em um substituto de professor; e sim em um meio tecnológico capaz de contribuir para a construção do conhecimento por parte do aluno e do próprio professor.*

O uso do computador e da internet também está sendo visto por diversos críticos de Geografia como um grande passo á difusão da Geografia Crítica. Vesentini (1995, p.10) destaca que:

[...] o ensino da geografia no século XXI, deve ensinar – ou melhor, deixar o aluno descobrir – o mundo em que vivemos, com atenção especial para a globalização e as escalas local e nacional, deve focar criticamente a questão ambiental e as relações sociedade/natureza (sem embaralhar uma dinâmica na outra), deve realizar constantemente estudos do meio (para que o conteúdo ensinado não seja meramente teórico ou “livresco” e sim real, ligado à vida cotidiana das pessoas) e deve levar os educandos a interpretar textos, fotos, mapas e paisagens.

Mesmo diante a isso os alunos continuam desinteressados pelo ensino de Geografia já que, não raro, em pleno século XXI a mesma ainda é tarjada por eles como uma disciplina chata e sem sentido para que tenham um futuro promissor.

Assim, o uso da informática nas aulas de Geografia resgatará o interesse dos alunos, já que eles conseguem dominar essas tecnologias, passando a ser um dos principais recursos para o sucesso no aprendizado como afirmam Costa; Magalhães; Assis (2008 p. 116) *a informática abre um leque de possibilidades para aulas mais dinâmicas e interativas, que não podem “fugir” dos conteúdos geográficos (da espacialidade do mundo), mas sim estar pautadas em atividades que usem essa ferramenta para estimular a pesquisa, a autonomia e o senso crítico dos alunos.*

A seguir será dada uma aplainada geral sobre os principais meio utilizados com o auxílio da internet e da informática em sala de aula.

#### **3.4.1. Sites de busca Google e Wikipédia (enciclopédias on line)**

Também conhecidas como sites de busca, as enciclopédias são as fontes da internet mais utilizadas pelos alunos por fornecerem uma série de informações imediatas. São fontes em que qualquer pessoa pode publicar informações. Esse fato faz com que algumas informações publicadas não condizem com a realidade, ou seja, incompletas.

#### **3.4.2. Site do INPE e do IBGE**

O site do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – INPE– e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE– oferecem dados bastante confiáveis para a análise de fenômenos geográficos físicos ou espaciais. São fontes confiáveis, com informações certas. No site do IBGE também existe áreas destinadas ao uso das crianças IBGE Kids (07 a 12 anos) e o IBGE Teens (jovens e adolescentes).

### **3.4.3. Google earth**

Pode ser trabalhado com temas de diversas áreas de Geografia: População, Dados de determinada cidade, Hidrografia, Geomorfologia, Ecologia, Climatologia, dentre tantos outros. Funciona como um banco de dados de diferentes eixos geográficos com imagens da superfície terrestre. Com a utilização desse recurso, o aluno será levado a observar, imaginar, relatar, descobrir as informações oferecidas por eles.

### **3.4.4. Power point**

Com a utilização desse recurso será possibilitado à apresentação de slides aos quais poderão ser exibidas imagens, textos, resumos e uma série de informações cabíveis no mesmo. Esse é um excelente recurso tanto para o professor quanto também para os alunos onde serão desenvolvidos os ideais de “aprender-fazendo”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo principal analisar de que maneira os recursos auxiliares podem contribuir para o ensino de Geografia. Assim, observou-se que a aplicação desses recursos auxiliares (inovadores ou não) imagem, cartografia, livro didático, recursos tecnológicos ou multimídia dentre tantos outros ao serem apoiados no ensino de Geografia exerce forte influência e traz excelentes impactos positivos no processo de ensino e aprendizagem do aluno rumo à formação de futuros críticos e preparados para a era do conhecimento.

Para isso, foi necessário resgatar toda a trajetória da Geografia enquanto disciplina desde o seu surgimento até a atualidade analisando os impactos decorrentes da ação do tempo além de diversas concepções geográficas representativas para que se pudesse construir uma série de conceitos defensores da utilização desses recursos em sala de aula.

Observa-se que os diversos autores citados concordam que devem ser buscados métodos e técnicas produtivas para a construção de saberes geográfico. Eles estiveram desde sempre em busca de novas idéias de representação do espaço como um todo.

Mesmo diante às limitações encontradas em relação à escassez de recursos e material pedagógico insuficiente para todos das unidades educacionais, falta de interesse da equipe gestora, ou por despreparo, cabe ao professor vencer os paradigmas teóricos e buscar meios que visem a sua inserção nas aulas sempre que oportuno através de uma aprendizagem significativa para esses alunos.

Não é a utilização desses recursos que mudarão as faces da educação no Brasil. Mas ao utilizarmos em nossas aulas temos a oportunidade de colaborar para o desenvolvimento do processo educacional característico dos nossos alunos.

Assim, as aulas de geográfica desencadearão em uma possibilidade de se tornarem menos conteudísticas e mais práticas.

O fato é que em pleno século XXI torna-se praticamente uma missão impossível ensinar sem a utilização desses recursos estimuladores visto que na era contemporânea pela qual estamos vivendo não podemos deixar de considerarmos a importância da utilização dos recursos auxiliares no ensino de Geografia ou de qualquer outra disciplina,

seja ela qual for visto que o mundo está em constante transformação e a educação também deve acompanhar essas mudanças para que o ensino não seja sucateado nem defasado.

Outro fator relevante para a utilização desses recursos é que o professor deverá além de dominar os conteúdos a serem repassados dominar também a utilização dos recursos e tecnologias para serem incorporados nas aulas em um papel conjunto entre teoria e inovações tecnológicas. Dessa forma, serão criadas situações guiadas e significativas nas aulas.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosângela Doin de. **Cartografia Escolar**. São Paulo: Contexto, 2010.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/s>>. Acesso em: 23 de abril de 2012.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia Escolar e a Cidade: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. 3º ed. São Paulo: Papyrus, 2010.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 16º ed. São Paulo: Papyrus, 2010.

CARNEIRO, MARIA HELENA DA SILVA. **Linha de pesquisa ensino de ciências e tecnologia**. Faculdade de educação da UNB. Seed/MEC UniRede. Brasília, 2003.

CASTRO, C. M.; Castro, C. M. **O computador na escola: como levar o computador à escola**. Rio de Janeiro, Campus, 1988

FILIZOLA, Roberto. **Didática da Geografia: proposições metodológicas e conteúdos entrelaçados com a avaliação**. Curitiba: Base Editorial, 2009.

FILIZOLA, Roberto. KOZEL, Salete. **Teoria e Prática do ensino de geografia: memórias da Terra**. São Paulo: FTD, 2009.

KRONBAUER, Selenir Corrêa Gonçalves. SIMIONATO, Margareth Fadanelli. **Professores: Formação Profissional**. São Paulo: Paulinas, 2008.

**Ofício de Professor: aprender mais para ensinar melhor: programa de educação a Distância para professores de 5ª a 8ª séries e ensino médio: 2. O mundo hoje: transformações e tensões/** Carlos Emílio Faraco... [et al.]; criação e supervisão Guiomar Namó de Mello; coordenação geral Teresa Cristina Rego. São Paulo: Fundação Victor Civita, 2004.

KIMURA, Shoko. **Geografia no Ensino Básico – Questões e Propostas.** São Paulo: Contexto, 2010.

LEVY, P. **Educação e tecnologia: o novo ritmo da informação.** Campinas, São Paulo 2007.

PLACIDO, MARIA ELZE dos SANTOS et. all; **Educação, cidadania e Identidade: A inserção dos recursos tecnológicos no contexto educacional: desafios e perspectivas do professor no mundo da leitura; Conferencia Internacional: Educação, Globalização e Cidadania; novas perspectivas da sociologia da educação;** João Pessoa: 2008. Disponível em: <[www.socieduca-inter.org](http://www.socieduca-inter.org)>.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib, PAGANELLI, Tomoko Iyda. CACETE, Núria Hanglei. **Para Ensinar e Aprender Geografia.** 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

**Reorientação Curricular do 1º ao 9º ano: Currículo em Debate. Sequências Didáticas – Convite à Ação: Geografia.** Goiânia: Governo do Estado de Goiás, 2009.

STEFANELLO, Ana Clarissa. **Didática e Avaliação de Aprendizagem no Ensino de Geografia.** São Paulo: Saraiva, 2009.

SILVEIRA, MARIA HELENA. **Concepções e funções de TV e vídeo na comunicação educativa.** Seed/MEC-UniRede, 2000.

VESENTINI, J. W. **Ensino de Geografia no século XXI.** Papyrus, 2007

VIGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes: 2000.

